

CIRCO LIVRE EM MOVIMENTO: desafios e transformações através do lúdico-pedagógico

Hermes Aleixo Silva

■ Introdução

O Desaprender do Brincar

É um diagnóstico recorrente, quase um lamento compartilhado, a ideia de que a “cidade grande” nos desaprendeu a brincar. No cotidiano da pesquisa participante da iniciação científica, realizada no Parque Raul Seixas, em Itaquera, essa percepção manifesta-se com nitidez nas falas de adultos e idosos da comunidade. Ao observarem os jogos de equilíbrios com pernas-de-pau ou o manuseio dos bambolês e bolinhas, a reação é unânime: “brincava muito disso na infância, hoje já não existe isso”.

Essa percepção de que a cidade grande nos desaprendeu a brincar aponta para uma perda de ludicidade, já salientada por Huizinga (2001). Sob a lente de uma fenomenologia das emergências (Marandola Jr. 2020) da pedagogia da autonomia (Freire, 2021) e da filosofia (Han, 2017. Huizinga, 2001. Krenak, 2019), este ensaio visa entender o Circo Livre da Raul (CLR) não como um mero encontro de circo ofertado à comunidade como objeto de consumo

educativo.. Em vez disso, trata-se de entendê-lo como uma irruptiva “dança-da-teimosia”: um modo adverbial de habitar o território, em que o brincar (ludus) deixa de ser um substantivo — uma coisa que se faz — para tornar-se um modo de ser lúdico no mundo, desafiando a funcionalidade zumbi da metrópole através da presença e encontro com a alteridade.

Trata-se, em última instância, da manifestação de algo inerente ao espírito humano. A revelia de toda atribuição de utilidade e sapiência ao gênero humano; a vida não é útil, como compreende Krenak, conclusão que se faz presente nessas tantas lugaridades incipientes, que tensionam nossa atitude natural que relativiza o absurdo funcionalista moderno.

PALAVRAS-CHAVE brincar, lugaridade, pedagogia da autonomia, fenomenologia.

O Problema da Urbanicidade Funcional e a Civilização Zumbi

O conflito central reside na tensão entre a urbanicidade funcional e a necessidade ontológica de encontro humano. O adensamento populacional de São Paulo, evidenciado pelo Censo 2022, resultou na privação de áreas abertas e interações espontâneas, concentrando os equipamentos de lazer em regiões nobres e desassistindo as periferias. O resultado é o que se denomina “periferias desurbanizadas” ou “cidades-dormitório” (Lefebvre, 1968 apud Pellegrin, 1999).

Nesses territórios, a cidade é vivenciada predominantemente como “habitat” — um local meramente funcional para o abrigo e a reprodução da força de trabalho, como discutido por Lefebvre (1968). O sujeito periférico é reduzido a uma peça de engrenagem, cuja existência é instrumentalizada pelo centro metropolitano.

Esse cenário dialoga diretamente com as reflexões de Ailton Krenak (2019) e Franz Fanon (1961): Krenak observa que a civilização moderna opera sob uma lógica de exploração onde os corpos são “zumbis funcionais”, incapazes de tolerar os prazeres e a fruição da vida,

focados apenas na subsistência; paralelamente, Fanon discute como modelo de organização urbana impacta o corpo-sujeito colonizado/periférico, privando-o da possibilidade de “habitar” criativamente o seu próprio mundo.

Acrise proveniente do habitat é, portanto, uma crise de subjetividade. Esta “zumbificação” representa a negação radical da ontologia humana, preconizada por Freire (2021). Ao reduzir o sujeito a uma peça funcional, o sistema metropolitano obstrui a sua vocação ontológica do ser mais, impedindo o exercício da autonomia e do direito de intervir na história como um ser inconcluso e consciente de seu próprio inacabamento (2021). O resultado está posto: corpos-sujeitos cansados, domesticados em função de um modo de vida alienante, reprimidos em seu desejo afirmativo de potência.

Diante desse diagnóstico, o Circo Livre de Raul (CLR) se apresenta como um fenômeno socioespacial de resistência. A tese defendida neste trabalho é a de que a prática lúdica circense institui uma “dança-da-teimosia”.

Diferente da estabilidade rotineira da “dança-do-lugar” (place-ballet) proposta por David Seamon, a dança-da-teimosia é um ato político de persistência contra o abandono institucional e a precarização do entorno. Sob a perspectiva de Marandola Jr. (2020), essa dança configura a transição do lugar como res extensa (espaço físico mensurável) para a lugaridade como “modo de ser” e “emergência”.

O CLR não se limita a ocupar a varanda da Casa de Cultura, mas faz emergir, topologicamente, uma lugaridade que não pré-existe à ação. Essa dança, por sua natureza lúdica, desenvolve o “círculo mágico” de Huizinga (2001), que aqui funciona como uma membrana de lugaridade que suspende a lógica funcional do habitat.

Este círculo mágico atua como um espaço de suspensão, onde as leis ordinárias, da metrópole zumbi

aludida por Krenak, são temporariamente interrompidas, permitindo que usuários passivos se tornem sujeitos ativos de sua cidadania. Assim, o CLR é uma lugaridade crítica e criativa que permite à comunidade “despencar” da lógica funcional e experimentar o direito à cidade e ao prazer.

Vale salientar que o CLR é uma lugaridade, entre tantas que, à medida que insiste em sua justa teimosia em propor práticas lúdicas pedagógicas, sedimenta no corpo-sujeito uma memória de autonomia e co-pertencimento, como os elaborados por Freire (2021).

Portanto, o CLR propõe uma ruptura: no lugar do “habitat” alienado, instaura-se o “habitar” através do lúdico, onde o erro, a queda e o riso são os alicerces de uma pedagogia da autoconsciência a céu aberto.

Encontros Circenses como Ação Cidadã

A compreensão do CLR exige, necessariamente, um mergulho na história recente da ocupação lúdica dos espaços públicos brasileiros. No Brasil, o surgimento de convenções, festivais e encontros de circo intensificou-se a partir da década de 1990, promovendo uma aproximação profícua entre os saberes artísticos e

as comunidades locais. Conforme aponta Fernandes et al. (2020), as atividades circenses extrapolaram a sua função original de espetáculo. No entanto, no contexto do CLR, essa expansão não deve ser lida como uma nova fragmentação em “serviços” educativos ou terapêuticos, o que recairia na lógica do habitat funcional.

Em vez disso, essas lugaridades emergem de forma integrada como um modo adverbial de existência. A educação aqui não é um conteúdo transmitido, mas a própria curiosidade epistemológica despertada pelo risco implicado na experiência do ato em si — como se equilibrar e manter os objetos no ar —; o “terapêutico” não é uma cura clínica, mas o resgate da humanidade no erro e o reencontro com o Outro (Han, 2017).

Nesse cenário, os encontros semanais em praças e parques configuram-se como espaços democráticos e de ampla significação social. O estudo de Fernandes analisa quatro marcos dessa ocupação no estado de São Paulo: Circo no Beco (Vila Madalena), Encontro Campineiro de Malabarismo (UNICAMP), Encontro da Praça Roosevelt (Centro de São Paulo) e o Encontro de Artes Circenses da Zona Leste (Tatuapé).

Uma característica fundamental desses encontros, compartilhada pelo CLR, é a sua natureza de ação cidadã voluntária. Em sua grande maioria, essas iniciativas operam de forma independente do poder público local para o seu fomento e manutenção. Essa independência, embora muitas vezes decorrente da escassez de apoio estatal, confere aos coletivos uma liberdade organizacional e flexibilidade que são vitais para a preservação do caráter lúdico

(Fernandes, 2020).

A resistência manifesta-se aqui na persistência dos organizadores e participantes que, “por livre e espontânea vontade”, contribuem com sua emergência. Como destaca Fernandes, essa resistência transforma a realidade local, provando que a demanda e o envolvimento da população podem suprir lacunas institucionais crônicas, em que o Estado se faz ausente.

No CLR, essa participação é o que permite que a dança-da-teimosia aconteça sem as amarras burocráticas que frequentemente descaracterizam as práticas comunitárias em equipamentos públicos, reforçando o sentido de habitar: o participante sente-se pertencente ao projeto não apenas como “usuário” de um serviço público, mas como co-responsável pela existência daquele “círculo mágico” (Huizinga, 2001) no território.

Ressalta-se que encontros de circo na rua são, essencialmente, uma forma de educação pelo lazer. Ao ocupar praças e parques, esses coletivos ensinam que o espaço público é um lugar de vida, criação e convivência. A relação entre quem ensina e quem aprende nesses espaços é marcadamente horizontal, aproximando-se da pedagogia dialógica de Paulo Freire, onde “não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos”.

No CLR, cada participante vivencia o que deseja ou sente necessidade: treinar, conversar, observar ou ensinar. Essa liberdade de escolha e o descompromisso com a produtividade funcional são o que permitem ao corpo-sujeito periférico “despencar” da marcha zumbi e

reaprender o prazer do movimento. Como afirma Fernandes, os encontros aproximam as pessoas e permitem reivindicar o direito ao espaço de lazer como um direito à cidadania plena.

3. Topologia da Lugaridade

Para compreender a natureza espacial do CLR, é preciso romper com a visão de que a varanda da Casa de Cultura Raul Seixas (CCRS) é um receptáculo passivo de atividades. Marandola Jr. (2020), retomando Heidegger, utiliza a metáfora da ponte para ilustrar que o lugar não está dado antes da construção: é a própria ponte que faz surgir um lugar.

No contexto da periferia de Itaquera, a montagem do picadeiro — a extensão da lona azul e a disposição dos materiais circenses — opera como essa “ponte”. O espaço não é um vazio a ser preenchido, mas algo que recebe sua essência do espaçar (ação de arranjo e posicionalidade) promovido pelo encontro. Assim, o CLR não “se situa” no parque; é do próprio fazer circense que surge o lugar. Esta irrupção desafia a res extensa cartesiana — o espaço puramente físico e geométrico — para instaurar um modo de ser que é co-emergente com a ação dos corpos.

Marandola Jr. defende uma “necessidade adverbial” que potencie a multiplicidade

de modos de ser, desubstancializando o lugar para designá-lo como emergência. No CLR, o brincar deixa de ser um substantivo (uma atividade isolada) para tornar-se um advérbio: uma forma de “estar-lúdico” no mundo.

Essa adverbialidade manifesta-se no que o autor denomina “geografia das lugaridades”, orientada para os modos de ser e não para as substâncias. Quando o praticante se equilibra na perna-de-pau ou manipula as bolinhas de malabares, ele não está apenas ocupando um ponto no mapa, mas exercitando um modo geográfico de existência que tensiona a rotina domesticada da cidade-dormitório. Este exercício não provém de um cálculo racional, mas da inteligência pré-consciente do corpo-sujeito (Seamon, 2013), uma consciência corporal que “sabe” o espaço antes mesmo da reflexão intelectual. A lugaridade do CLR é, portanto, pulsação e encontro; um co-pertencer que não se delinea por uma anterioridade histórica, mas pelo acontecer do agora.

A lugaridade lúdica na Raul Seixas cria o que Marandola Jr. chama de “espaço-entre” (entridade). Este não é nem uma vivência puramente interior (sentimento), nem uma exterioridade puramente física (geometria, performance), mas uma zona de intersecção onde a separação sujeito-objeto é momentaneamente suspensa.

Nesta entridade, a dança-da-teimosia atua como resistência à extensividade objetificante da metrópole, que tende a tratar o cidadão periférico como um dado

algorítmico ou uma peça funcional. Ao promover relações horizontais e a abertura para o Outro, o CLR, em alguma medida, fissura o ego autorreferente da metrópole zumbi — é uma possibilidade aberta e não um resultado garantido passível de instrumentalização —. A lugaridade, como emergência topológica, permite que a comunidade de Itaquera não apenas use o parque, mas o habite em sua plenitude, transformando o habitat alienado em um território de alteridade e potência afirmativa.

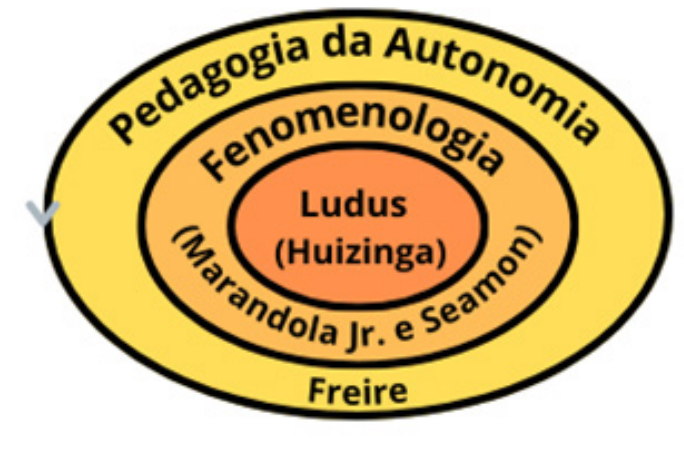
4. Topologia da Irrupção no Picadeiro

A análise da pedagogia do CLR exige a superação de modelos sistêmicos que fragmentam a experiência em “meios” e “fins”. O esquema visual que orienta esta investigação (Figura 1) representa, na verdade, uma topologia da emergência, onde as fronteiras entre o jogo, o espaço e a pedagogia são porosas e vibráteis, como uma “onda”. Se o “ponto cego” da geografia moderna é a fixação na res extensa, o CLR se dá numa geografia das lugaridades, onde o fenômeno é uma onda de intensidade que reconfigura o

sentido de habitar.

No centro dessa topologia, o conceito de círculo mágico de Johan Huizinga (2001) não deve ser lido como uma estrutura funcional, mas como uma irrupção de negatividade — no sentido atribuído por Byung-Chul Han (2017) à erosão do Outro. O jogo no CLR funciona como uma interrupção da positividade absoluta da metrópole zumbi, que exige desempenho e funcionalidade constantes.

Figura 1



Retomando o diagnóstico da metrópole zumbi e o excesso de positividade de Han, o círculo mágico no CLR atua não como um equipamento de lazer tradicional, mas como uma irrupção de negatividade. Para Han (2017), a negatividade não é uma carência, mas o “espaço do Outro”, o vazio necessário para a interrupção da mesmice produtiva. O picadeiro, delimitado pela lona azul, irrompe como um “buraco” na lógica útil da cidade. Ao ingressar nesse círculo, o corpo-sujeito suspende temporariamente a “marcha zumbi”. No centro do picadeiro, a queda e o erro não são fracassos a serem otimizados, mas tensões pedagógicas que afirmam a coragem de existir fora da métrica do sucesso.

Essa pedagogia do erro é personificada na fala do antigo gestor da Casa de Cultura Raul Seixas, Marcello Nascimento, que destaca a necessidade da coragem: “Para estar aqui tem que

ter coragem... coragem de se expor, de cair, de errar na frente de todo mundo” (2020). Esta coragem de abraçar a vulnerabilidade é o que permite ao corpo-sujeito romper a couraça da positividade absoluta e resgatar a sua humanidade no erro.

A perspectiva ondulatória desse fenômeno revela que o picadeiro opera como a “ponte” heideggeriana citada por Marandola Jr.: ele não se situa simplesmente em um lugar, mas faz com que um lugar surja a partir de si (2020). Essa emergência é uma vibração que se propaga pela varanda do Parque Raul Seixas, reconfigurando a lugaridade. A lugaridade aqui é entendida como um “modo de ser” irruptivo que rompe com a passividade da res extensa (o espaço físico mensurável). O jogo circense confunde-se com a entridade, bem como seus participantes, onde a separação entre sujeito e objeto é suspensa em favor de uma presença absoluta e brincante.

Dessa forma, a dança-da-teimosia no CLR é um ato político de preservação do inútil preconizado por Krenak (2020). Contra a erosão do Outro e a zumbificação algorítmica, o encontro lúdico protege o direito ao prazer e ao encontro desinteressado. A autonomia freireana, portanto, não é um objetivo distante, mas o expoente dessa vibração: o instante em que o sujeito, ao teimar em brincar em um território de escassez, recupera sua capacidade de “ler o mundo” fora dos limites da produtividade funcional. Transformar o sentido de espaço tutelado pela lógica do habitat é um ato de teimosia contra a utilidade. O círculo mágico é o vácuo necessário que permite ao corpo-sujeito deixar de ser um dado algorítmico para se tornar presença absoluta no agora.

Essa irrupção lúdica propaga-se como uma onda que ganha corpo no diálogo entre David Seamon e Eduardo Marandola Jr. Aqui, a lugaridade deixa de ser o palco passivo da atividade para se tornar o próprio jogo em processo de espacialização. A dança-da-teimosia não é uma resposta a um lugar pré-existente, mas a ação que faz o lugar emergir topologicamente.

Através do que Seamon denomina dança-do-lugar (*place-ballet*), a regularidade do circo sedimenta uma memória no corpo-sujeito, mas é a radicalidade de Marandola Jr. que nos permite ver esse movimento como uma intensividade. Não há separação entre o

malabarista e o picadeiro; há uma “posicionalidade irruptiva dinâmica” que constitui o que Marandola chama de *entridade* (2020). É uma zona de intersecção onde a exterioridade objetificante da metrópole é queimada pela presença vibrante do encontro.

Finalmente, a onda de intensidade alcança sua plenitude ética e política no encontro com a pedagogia da autonomia de Paulo Freire (2021). Para o autor, o ensino exige rigor metódico, uma exigência que no CLR é transposta para o ato de brincar condição para que o educando passe da curiosidade ingênua para a curiosidade epistemológica. Aqui, o lúdico passa a assumir-se como uma forma séria de leitura do mundo, onde o participante, ao lidar com o equilíbrio e a queda, reconhece o seu próprio “inacabamento” e a sua capacidade de proceder em sua autonomia. A regularidade dos encontros, portanto, sedimenta uma memória no corpo-sujeito, revelando que a dança-da-teimosia é sustentada pela inteligência do corpo-sujeito, que Seamon define como a capacidade do corpo de se mover e habitar o mundo sem a necessidade de comandos racionais contínuos (2013). É através da sensibilidade pré-consciente — o que se pode chamar de “mão do corpo” — que a dança-do-lugar se manifesta organicamente na varanda da Raul Seixas, permitindo que o movimento circense apreenda o espaço como uma extensão do próprio ser.

Não obstante, para fugir de qualquer leitura positivista, a autonomia não deve ser vista como o “produto final” do sistema — o que conferiria uma prática bancária —, mas como o modo adverbial pelo qual a lugaridade se expressa. Em outras palavras: a autonomia no picadeiro fundamenta-se na consciência do “inacabamento” do ser (2021). É porque nos sabemos inacabados que buscamos a “curiosidade epistemológica”, mesmo que através do malabarismo, do equilíbrio e de outras formas de ludicidade além das circenses.

Se Marandola Jr. defende a necessidade de flexionar o lugar em lugaridade para captar os modos de ser, Freire ofereceria o advérbio fundamental: *autonoma-mente*. A autonomia está presente no próprio ato de decidir equilibrar-se na instabilidade da perna de pau, ou na prática compenetrada dos malabares. No entanto, a relação horizontal no picadeiro, onde “não há ignorantes absolutos”, não é uma meta a ser atingida, mas a tonalidade afetiva que permite ao “condenado da terra” ou ao “zumbi funcional” reaprender o

prazer do movimento e a beleza do risco junto ao Outro, evidenciando a autonomia como processo de vir a ser (2021).

Han é assertivo quando pontua que “a relação bem-sucedida com o outro se expressa como uma espécie de fracasso. É só através do não-poder-poder que surge o outro” (2017, p.26), é precisamente nesta lugaridade, em que subentende-se que não há transferências de conhecimento, que a autonomia é uma prática necessária que, entre os erros e descompassos, o participante se torna um nessa lugaridade, compondo teimosamente essa entridade.

Portanto, a topologia ondular do CLR revela que o jogo, a lugaridade e a pedagogia são facetas de um mesmo acontecimento irruptivo. O jogo é a faísca que suspende a zumbificação; a lugaridade é a propagação dessa faísca que rompe a res extensa e a pedagogia se faz surgir em razão do habitar; é imperativo compreender que a pedagogia da autonomia é o fenômeno que sinaliza para o território que ali se exerce uma existência afirmativa. O CLR é, em última análise, um paraquedas-colorido que não apenas adia o fim do mundo, mas dança, teimosamente, promovendo um sentido de habitar e o resgate do Outro.

Conclusão

A experiência do Circo Livre da Raul revela que a ocupação lúdica da periferia não é um evento isolado, mas uma forma de geograficidade que devolve ao sujeito o seu lugar no mundo. Ao erguer o picadeiro — ou se exercer qualquer forma de encontro —, não se está apenas montando uma estrutura física ou se praticando um fazer artístico; está se exercitando o construir que, para Heidegger, já é em si mesmo um habitar.

Enquanto a cidade zumbi reduz o espaço a um mero res extensa funcional e alienante, encontros como o CLR instaura um espaço-vivido. Essa prática substitui a topofobia — o medo e a depressão gerados por paisagens de rejeição, frequentemente associados a periferia — por uma topofilia vibrante, onde o vínculo afetivo com o lugar é restaurado através do corpo, do jogo e sua dança.

A literatura fenomenológica, em suma, tem sido bastante coerente com o

horizonte epistêmico que se deu ao longo da pesquisa participante, sobretudo no que tange a geograficidade fenomenológica, pois essa “pressupõe um mundo que pode ser entendido geograficamente e, também, que o homem possa sentir e conhecer a si como sendo ligado a Terra” (Dardel, 1952, apud Relph, 1979).

Portanto, a “dança-da-teimosia” no Parque Raul Seixas é um fenômeno de que o habitar autêntico só é possível quando construir e pensar deixam de ser atividades separadas para se tornarem um modo-de-ser. O CLR não ocupa um lugar, ele o faz emergir, na convergência entre seus pares, permitindo que a alteridade — através do encontro com o Outro (Han, 2017), dos jogos e brincadeiras —, seja possível.

Dessa forma, como num paraquedas-colorido de Krenak, a periferia desurbanizada pode planar sobre a zumbificação funcional do habitat.

Referências Bibliográficas:

CAVALIERI, Michele; NASCIMENTO, Marcello. **Okupação Cultural Coragem**. [Entrevista cedida a] Ireldo Alves e Nísia Oliveira. São Paulo: CPDOC Guaianás, 18 set. 2020. Transcrição de entrevista para o Projeto Re(memorar). 32 p.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

FERNANDES, Jéssica Adriana Montanini. **Encontros Circenses no Brasil: espaço público, arte e lazer**. Revista Brasileira de Estudos do Lazer, Campinas, São Paulo, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Agonia do Eros**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São

Paulo: Perspectiva, 2001.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras,

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 1968.

MARANDOLA JR., Eduardo. **Fenomenologia das emergências**. 2020.

PAULA, Luiz Tiago de. **Fenomenologia dos Espaços Públicos: entre as certezas e inseguranças da experiência urbana**. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas). Campinas, São Paulo: [s.n.], 2016.

PELLEGRIN, Ana de. **Os contrastes do ambiente urbano: espaço vazio e espaço de lazer**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1999.

SEAMON, David. **Corpo-sujeito, rotinas espaço-temporais e dança-do-lugar**. Geograficidade, v.3, n.2, 2013.